**Gente da rua – Frei Betto**

O preconceito social não diferencia catador de material reciclável, mendigo e bandido. Os dois primeiros são vistos por muitos como se fossem potencialmente bandidos. Ora, bandido furta ou rouba; mendigo pede; catador trabalha.

       O Estado tem a obrigação de cuidar dos três: impedir que um cidadão se torne bandido ou puni-lo, reeducando-o para a sociedade; oferecer  ao mendigo rede de proteção social; reconhecer e assegurar os direitos do  catador. Deve  mostrar à sociedade a importância de compreender o universo do povo da rua, a quem tem a obrigação de garantir direitos à saúde, educação (inclusive profissional), documentação, proteção física, reconhecimento de sua dignidade, abrigo (quando buscam), espaços de arte e lazer etc. Enfim, cidadania.

       “Vale a pena dizer alguma coisa sobre a posição social que os mendigos ocupam, pois quando se convive com eles descobre-se que são seres humanos comuns. Não se pode deixar de ficar admirado com a curiosa atitude da sociedade com relação a eles. As pessoas parecem achar que existe uma diferença essencial entre mendigos e ‘trabalhadores’ comuns. Acham que eles constituem uma raça à parte. Os trabalhadores ‘trabalham’; os mendigos não ‘trabalham’, são parasitas, inúteis por natureza. Dá-se por certo que um mendigo não ganha a vida do modo como um pedreiro ou um crítico literário. Ele não passa de uma excrescência social, só tolerada porque vivemos numa época civilizada, mas ele é essencialmente desprezível.”

       “Contudo, se observarmos de perto, vemos que não há diferença essencial entre o modo de vida de um mendigo e o de inúmeras pessoas   
respeitáveis. Os mendigos não trabalham, diz-se. Mas, então, o que é ‘trabalho’? Um operário braçal trabalha brandindo uma picareta. Um contador trabalha fazendo cálculos. Um mendigo  fica ao relento em qualquer tempo, ganhando varizes, bronquite crônica etc. É um ofício como outro qualquer, bastante inútil, é verdade – mas muitos ofícios respeitáveis também são inúteis. E, como tipo social, o mendigo se sai bem na comparação com muitos outros. Ele é honesto, se comparado com os vendedores da maioria dos medicamentos patenteados; de altos   
princípios, se comparado  com o dono de um jornal dominical; amável, se comparado com um comerciante que vende a crédito com preços extorsivos. Em resumo, é um parasita, mas um parasita razoavelmente inofensivo. Raramente extrai mais da comunidade do que  uma vida indigente, e paga por isso um sofrimento incessante, o que poderia  justificá-lo, de acordo com nossos padrões éticos. Não creio que exista algo  num mendigo que o coloque numa categoria diferente da de outras pessoas ou que dê à maioria dos homens modernos o direito de desprezá-lo.”

       “Surge, então, a questão: por que os mendigos são desprezados? Pois o são, universalmente. Acredito que seja pela simples razão de que não   
conseguem ganhar o suficiente para levar uma vida decente. Na prática, ninguém se importa se o trabalho é útil ou inútil, produtivo ou parasita; a única exigência é que seja lucrativo. Afinal, em toda conversa moderna sobre energia, eficiência, serviço social e coisas assim, o sentido não é senão ‘ganhe dinheiro, ganhe-o legalmente e ganhe muito’? O dinheiro se transformou na grande prova de virtude. Nessa prova, os mendigos são reprovados e, por isso, são desprezados. Se fosse possível ganhar dez libras por semana mendigando, a mendicância se   
transformaria imediatamente numa profissão  respeitável. Observado de forma realista, um mendigo é apenas um homem de  negócios que ganha a vida do jeito que dá, como outros homens de negócios. Não  vendeu sua honra – não mais do que a maioria das pessoas modernas. Ele apenas  cometeu o erro de escolher um negócio no qual é impossível enriquecer.”

       O texto aspeado, escrito em 1933, é de autoria de Eric Arthur Blair, conhecido pelo famoso pseudônimo de George Orwell (autor de “1984” e “A revolução dos bichos”), e figura no primeiro livro dele, “Na pior em Paris e Londres” (Companhia das Letras, 2006, pp. 200-201).

       Quem sabe uma pessoa em situação de rua, com vocação poética, tenha escrito este poema anônimo gravado num muro: “Pra falar a verdade / nunca tive um pijama, / pra que, se nunca tive cama? / Verdade verdadeira, nunca tive um brinquedo, / apenas tive medo. / Mas hoje há  tanto frio, tanta umidade, / que invento um cobertor de sol poente / e um  pijama de sonho em cama quente. / É bom brincar, sonhar em ser  gente.”

**Frei Betto** é escritor, autor de “Por uma educação crítica e participativa” (Rocco), entre outros livros.

<https://ceseep.org.br/gente-da-rua-frei-betto/>